

O Espírito Burguês

Plínio Salgado

Sumário

Marcha fúnebre.....	2
O mundo que prepara a catástrofe.....	5
Psicologia da sociedade burguesa.....	9
Duplicidade e transação.....	13
As duas faces de Satanás	18

"O espírito da burguesia vive em todas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias." Plínio Salgado

Marcha fúnebre

(1931)

O mundo moderno perdeu o senso puro da alegria. Porque confundiu a alegria com o prazer. E tendo esgotado todos os prazeres, caminhou para a morte e o aniquilamento.

A liberdade política transformou-se em liberdade moral e essa criou a liberdade dos instintos. O subconsciente cresceu sobre o consciente e clamou pelos seus direitos. Era o mundo ignorado, o segundo plano confuso e impreciso que se transportava ampliando-se como uma escuridão que avulta sobre a inteligência.

Proclamada a libertação de todos os limbos desconhecidos, entrou pela alma do homem moderno o tropel alucinante das formas de pensamento, em estado de elaboração, fantasmal e trágico. O mundo subconsciente (caos gerador ensaiando as expressões em lineamentos disparatados como fetos informes e monstruosos) veio dominar o sentido da vida contemporânea com a violência de forças brutais desencadeadas.

Forças sem governo, forças desordenadas, heterogêneas, sem direção. Forças telúricas do mundo interior, amorfas, nebulosas, de ritmos fragmentários, dissociantes.

* * *

O fenômeno que se dera com as antigas civilizações arrasadas pelos bárbaros repetiu-se de maneira inversa, dentro do próprio homem. Pois todo esse caos que a consciência disciplinava era contido pela pressão de uma força exterior dominadora. O século da máquina virou a alma pelo avesso, porque, tendo-se esta libertado do que se denominou o "terror cósmico", que mantinha o equilíbrio contendo a deflagração das energias interiores, viu-se, subitamente, dominada pelos estranhos duendes larvais, dos instintos desenfreados.

A alma foi invadida pelos hunos dos seus próprios recessos...

A isso fora o homem levado pela sede de liberdade. Essa liberdade chegou às suas últimas conseqüências. E de tal forma, que o pobre títere humano perdeu o sentido dela.

O homem já não sabe exatamente o que significa ser livre.

Pugnando pela progressão infinita do direito de se afirmar e de agir, acaba negando a própria personalidade e adotando o senso do coletivismo, aceita a subordinação do indivíduo à feição de um grande todo social.

Esse mesmo homem, que ergueu audaciosamente a cabeça para negar a metafísica, e substituiu a teologia pela crítica, o espiritualismo pelo materialismo, o sentimento da disciplina pela utilidade da disciplina, foi prosseguindo de tal forma que acabou por aceitar uma nova metafísica, criando o deus-coletividade, o misticismo da negação, o

cativeiro social em nome de uma coisa tão vaga como o paraíso sonhado e uma humanidade mecânica.

* * *

De sorte que o homem moderno retornou ao estado de espírito anterior ao monoteísmo e à revelação cristã, para viver apavorado diante dos elementos. Pois, se hoje já não treme diante dos trovões e dos raios começa a tremer e vai até ao delírio, sentindo o rumor "freudiano" do seu subconsciente em tropel, que ele procura decifrar através da psicanálise, como outrora os povos primitivos procuravam conhecer o mundo exterior através dos seus sortilégios e superstições.

E, do mesmo modo que o troglodita recuava apavorado diante de uma tempestade, o "gentleman" recua hoje atordoado diante do seu próprio complexo, que é tão grande ou tão pequeno, ou pelo menos tão incondicional à inteligência, como as complexas nebulosas no infinito do tempo e do espaço.

* * *

Quem ouvir um marxista, dos mais conhecedores da sua doutrina, discorrer sobre a teoria dos movimentos e das relações da matéria, sobre os processos dialéticos, sobre a concepção evolucionista da natureza, ficará pasmado diante das abstrações a que a sua inteligência é conduzida e dos planos metafísicos em que o raciocínio vai agir, usando da mesma força criadora com que o homem da caverna, perdida a luz da graça, idealizava os seus primeiros deuses. E quem atentar melhor sobre os sentimentos que animam o prosélito de Marx, verificará que esse sentimento, analisado à luz crua da crítica, tem muito de misticismo e até de feiticismo.

É o homem, de novo, sob o domínio do terror, que precedeu o monoteísmo e o cristianismo e de onde se originou todo o pavor do infinito.

Tal é o fundo espiritual desta civilização, que finge desdenhar do problema da causa e do fim. Essa a expressão do burguesismo libertário, do capitalismo científico, do anarquismo e do socialismo.

* * *

O equilíbrio do Homem e do seu "sentimento do Universo" provinha exatamente do equilíbrio entre as duas forças, uma que está dentro, outra que está fora de si.

Anulada uma, desaparecida a pressão exterior, rompe-se o equilíbrio e efetiva-se o desdobramento dos planos interiores. É o mundo dos instintos, são as formas larvares do pensamento, que passara a dominar sobre o homem moderno.

Esses espectros de idéias conduzem o homem contemporâneo à interpretação errônea da alegria e do sentimento do prazer e da dor.

Tudo se indefine. O prazer passa a ser uma forma de sensação, sem limites bem traçados com a dor. É uma dor bastarda, como afirmaria um notável escritor brasileiro. E, como todos os planos morais, estéticos e políticos se baseiam na concepção do bem e do mal do agradável e do desagradável, do útil e do inútil, do feio e do belo, e uma vez que o mundo caótico dos instintos estabeleceu o tumulto crítico, a Humanidade vai hoje caminhando sem disciplina, entregue a essas forças bárbaras que arrastam a todas as degradações e a todos os crimes.

* * *

Não admira que se afirme que a moral é um ponto de vista. Não admira que se dê hoje ao amor entre o homem e a mulher uma finalidade puramente egoísta. Não admira que se queira anular a personalidade em nome do individualismo. Nem que se queira fazer uma coletividade infeliz, em holocausto a uma pura idéia abstrata, a uma pura concepção ideal de coletividade feliz. Nem, ainda, que se persigam as religiões em nome da liberdade. Que se venham mais tarde a perseguir os próprios indivíduos que clamarem pela liberdade, em nome dessa própria liberdade. Que se atente contra a afirmação integral do amor entre o homem e a mulher, em nome da liberdade do prazer. Que se negue o direito dos pais, em nome da justiça social e dos interesses de uma ideal coletividade. Não admira ainda que se suprima a propriedade em nome dos próprios direitos da propriedade, como faz o capitalismo, como pretende fazer o comunismo. Nem espanta que desapareçam todas as garantias da lealdade e da honra, quando todos estão certos que a moral não passa de um ponto de vista.

É que o Homem perdeu o senso do equilíbrio. E, perdendo esse equilíbrio, torna-se um instrumento imperfeito de interpretação do Universo e dos seus fenômenos.

* * *

Estamos vivendo o grande período humano da confusão. E, nesse estado de espírito, o Homem é triste. Profundamente triste. Todas as suas barulhentas expressões exteriores não passam de dissimulações.

O mundo pagão, o mundo ocidental, o mundo livre, libertado de todos os terrores religiosos, de todos os preconceitos morais, o mundo opulento, que criou o arranha-céu e o "jazz", que proclamou todas as liberdades, caminha soturno e trágico, como uma marcha fúnebre...

Nota:

[1] Extraído de: *Madrugada do Espírito*, 1946, in *Obras Completas*, Editora das Américas, São Paulo, 1954 - Vol. 7, pág. 369.

O Mundo que prepara a catástrofe

(1931)

A que misterioso ritmo obedece esse estranho rumor, a princípio vago e indistinto, já agora nítido e altissonante, que perpassa pela superfície da terra, dando a volta ao seu meridiano?

Que sentido profundo traz essa agitação geral dos povos, a tragédia surda dos espíritos, a angústia dos oprimidos e o sobressalto dos opressores?

As cidades cresceram para os céus. Os mares coalharam-se de naves de aço. O homem percorre a amplidão com asas de águia. A terra multiplicou as suas messes, as indústrias multiplicaram os seus benefícios. Todos os confortos imagináveis se tornaram realidades banais. Todos os sonhos de beleza e de magnificência foram ultrapassados. E nunca o homem dominou mais os elementos, nunca imperou melhor sobre a natureza.

Rufam os motores dos aviões; gritam locomotivas; fonfonam os automóveis; uivam as sereias das fábricas; estrondam as usinas; mugem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam os rádios... É a sinfonia planetária...

* * *

Todas as ambicionadas farturas a que a Antigüidade poderia ter aspirado centuplicaram-se de uma maneira assombrosa.

Os celeiros do velho Faraó, refertos para socorrer as populações do Egito, durante os sete anos de penúria, são ridículos em face dos "stocks" internacionais de trigo, de vinho, de café, de todas as mercadorias, capazes de abastecer duas vezes a Terra [1].

O ouro de todos os impérios antigos não se compara ao ouro que a Civilização carregou para as arcas dos Bancos, dos recessos da América Meridional, das entranhas do Alasca e dos Estados Unidos, do subsolo da Ásia e da África.

A força dos animais e dos escravos, que arrastava colunas monolíticas e impelia no mar os quinhentos remos das galeras romanas, é hoje uma minúscula energia de formigas, comparada à potência das locomotivas e dos transatlânticos ou dos dínamos propulsores das usinas.

A rapidez de raio das quadrigas do corso não passa de um lerdo movimento de caranguejos, em proporção à velocidade da canção da Broadway, que se escuta no mesmo instante, no orbe inteiro, ou da luz com que Marconi ilumina do seu iate, em Gênova, a cidade antípoda de Sidnei, na Austrália.

As máquinas produzem por milhares de homens. A Civilização esplende nas suas grandes Metrópoles. Nunca a humanidade foi tão rica, nunca o gênero humano conheceu maior fartura.

A própria terra, rejuvenescida pelos adubos químicos, revolvida pelos tratores, plantada com a nova e milagrosa técnica, decuplica o volume das suas safras, mãe carinhosa dos homens transformada em escrava da sua indústria.

* * *

E, entretanto, nunca houve desespero maior, nunca o ser humano mergulhou em confusão tão grande, tão desnorteadora.

Nas modernas babilônias cresce a legião dos desocupados; os vagabundos disputam um pedaço de pão; há criaturas sem teto, que dormem ao relento, ou na promiscuidade dos albergues; e o próprio trabalho já não é um prazer, mas um triste manobrar de manivelas e de alavancas, onde toda a iniciativa do Espírito desapareceu.

Outrora, o trabalho tinha qualquer coisa de fino, de sutil, feito de amor e de entusiasmo, de esperança e de alegria íntima, criadora; e, agora, o homem sente-se, cada vez mais, submetido a um ritmo mecânico, que o vai transformando, dia a dia, numa peça do maquinismo da Produção.

Não amando mais o trabalho (e só se ama aquilo onde se realiza a fusão do Espírito com as necessidades da matéria); vendo a "arte" ser substituída pela "técnica"; a feição individual do artefato anulada pela feição uniforme da produção em série; a tendência das vocações contrariada pelas possibilidades das colocações, — o homem moderno vai-se tornando um autômato, um boneco de carne e osso, que será possivelmente substituído por um outro boneco de aço e ferro, quando o barateamento do custo da produção e a racionalização do trabalho, levada aos extremos que a técnica sugere, determinar que assim seja.

* * *

A máquina moderna, criação do homem, para produzir confrontos ao homem, torna-se uma concorrente deste.

Vede um tear, uma linotipo, uma rotativa, um motor, um calculador mecânico. Que estranhos seres! Parece que pensam, que raciocinam, que respondem numa linguagem que não é de palavras, mas de ação.

A máquina é um ente que tem, sobre o homem, a vantagem de não fazer greves, de não ter coração para amar nem boca para falar. E em se tratando de mercadorias similares (e tão similares que a Economia Clássica os submete às mesmas leis da oferta e da procura), é sempre preferível a que importunar menos e produzir mais, melhor e mais barato. Nestas condições, o monstro de aço conquistou, mais do que a igualdade, — a superioridade social sobre o homem.

A máquina não tem pais nem gera filhos; não vibra de afetos; não alimenta aspirações; não cultiva moralidades. É, portanto, muito mais conveniente ao capitalismo universal.

E é por isso que esse capitalismo quer arrancar do homem os últimos resíduos espirituais, para que a massa proletária se transforme também num sistema de maquinismo.

O monstro de aço! Quando ele trabalha, as suas rodas dentadas, as suas engrenagens, as suas serras parecem rir da criatura de Deus. E os apitos das fábricas parecem um grito dominador dizendo ao homem, quando rompe a aurora: "Levanta-te, peça de máquina!"

Esse grito domina o panorama das cidades tentaculares, onde o homem sofre, esmagado pela própria civilização que ele criou.

* * *

O instinto da máquina vai avassalando tudo.

A mecanização do homem começa nos arranha-céus de apartamentos.

É olhar uma casa e ver todas. Submetidas à mesma planta, à mesma fisionomia, elas impõem a cada ser humano um ritmo idêntico de movimentos, anulando a personalidade, para que triunfe a coletividade. Pois é sobre a coletividade que a máquina domina mais soberanamente. E ela exige que se modelem coletividades de formas geométricas precisas e cadências uniformes.

Essas coletividades devem cristalizar-se nos fornos de todas as compressões, de todas as angústias, que irão obrigando cada tipo isolado a acomodar-se ao grande ritmo dos tipos comuns, cuja finalidade é o próprio ritmo, cujo sentido é a mecanização total da existência.

A redução ao inanimado. A racionalização desracionalizante. O homem-tipo, como a máquina-tipo. O trabalho mercadoria, como o kilowatt-hora. O índice de calorías dos combustíveis. O trabalho como finalidade do trabalho. A morte total do Espírito.

* * *

Todo esse inferno contemporâneo é presidido pela soma do trabalho acumulado pelos latrocínios, na tradução metálica das barras de ouro e na versão social do papel moeda, concentrados nas mãos de poucos. É o Capital.

Tudo gira em torno desse ídolo muito mais terrível do que o Moloch de Cartago, que exigia menor número de vítimas para as suas entranhas de fogo.

* * *

Por que sofre tanto a humanidade?

É o Capital, que marcha para a sua feição mais simples; que ensaia a sua tirania na forma dos grandes trusts, dos monopólios, dos grupos financeiros, das organizações bancárias, e se dirige para o capitalismo do Estado, numa velocidade cada vez maior e mais enervadora.

É a besta apocalítica.

Ela, que se assenhoreou do poder dos reis e dos impérios; que proclamou a sua tirania sobre todas as nações, sobre todos os grupos sociais e sobre todos os homens.

É o espírito da mentira e da crueldade. O dragão que devora os povos.

Ergueu-se, na face da terra, para enfrentar e negar Deus, como negou pela vez primeira quando rolou para as trevas eternas; que se levantou para esmagar o Homem, arrastando-o a todas as abjeções, para finalmente lhe arrancar o coração e deixar-lhe, apenas, os movimentos mecânicos da máquina.

* * *

Cresce, por todo o Universo, o estranho rumor.

É o clamor do Homem que sofre, nas colônias remotas da Ásia e da África; na estepe da Sibéria, nos Urais e no Cáucaso; nas entranhas do Ruhr ou de Cardiff; nas profundezas das minas de diamantes do Transval, das cavernas de ouro do Morro Velho; nos sertões do Brasil, nas salitreiras do Chile, nas galés das Guianas, nos bairros proletários das grandes metrópoles resplandecentes como Babilônias multiplicadas, por toda a superfície do planeta, e nos porões dos transatlânticos e das naves de guerra, armadas para os morticínios...

É o gemido do Homem, que já não tem trabalho porque a máquina o expulsou das fábricas; que não tem pão, porque na fartura imensa já não há necessidade do esforço do pária, e as leis vigorantes determinam que se tome a mercadoria-trabalho quando se precise, e se deixe morrer o trabalhador, quando não se necessitar dele.

* * *

O Homem, vencido pela máquina, pensa então em criar o regime político que agrada à máquina.

De há muito que a Democracia renegou os governos éticos, concebendo o Poder como uma expressão do "Homem Cívico", portanto, do Homem mutilado, do Homem sem alma.

De há muito que se desprezou a Metafísica...

Mas o Homem hoje volta-se para uma forma imprevista de teocracia. Quer ser governado pelos Sumos Sacerdotes do Ateísmo. Aceita a grande razão da técnica e do capital. Aceita desaparecer como gota de água no oceano do coletivismo, onde toda a personalidade se destrói.

É a mais moderna expressão mística.

O misticismo que nega uma face da metafísica, para proclamar o valor da outra face.

E que subordina o Homem a uma divindade infernal, que não se funda no amor, mas na ausência do amor. E nega ao Homem o direito de se interessar pelas outras criaturas, pois só deve cogitar de si.

De si, não como personalidade, e sim como fração de um grande Todo.

O Homem renega o amor, para aceitar o egoísmo.

O amor impunha-lhe deveres; o egoísmo subordina-o à escravidão dos instintos.

A vida do instinto é o primeiro passo para a transformação do ser humano em máquina.

Essa transformação é dolorosa, porque o espírito reage.

O Homem inventou a máquina. A máquina, agora, quer fabricar homens. E se um dia saírem homens do ventre das usinas, também os úteros das mulheres gerarão homens-máquinas, sem coração, sem afeto, meros aparelhos de produção...

* * *

Infinita é a angústia do Espírito. Por todo o planeta perpassa um misterioso rumor...

Que estranhas vozes falam no rumor da procéla?

E no rumor da procéla há vozes, há algumas vozes que falam...

Só as escutam os que conservam a consciência da grandeza humana.

Só as entendem os que trazem consigo a fortaleza do Espírito perene e a permanência das secretas energias indestrutíveis...

Notas:

[1] Escrevia-se no tempo da grande superprodução em 1931.

[2] Retirado de: *Madrugada do Espírito*, Obras Completas, VoL 7, pág. 341.

Psicologia da Sociedade Burguesa

(1951)

Já temos dito muitas vezes e não nos cansaremos de repetir: a burguesia não é uma classe; é um estado de espírito. É o próprio espírito da avareza e da sensualidade, que se manifesta de formas tão variadas e por vezes tão sutis, que muitos casos há em que alguém, julgando estar combatendo o espírito burguês, não faz mais do que avolumá-lo na sua própria alma.

Numerosos são os que estudaram a burguesia sob o aspecto das condições econômicas e suas conseqüências políticas e sociais. Poucos os que penetraram nesse espírito que não é inerente, de modo exclusivo, à classe dominante em nossos dias, porém que se infiltra em todas as classes, sob os aspectos mais contraditórios, refletindo uma concepção de vida em completo desacordo com os fins sobrenaturais do homem.

O espírito da burguesia vive em todas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias.

A esse espírito chamamos hoje "burguesismo", pelo fato de ser a burguesia quem comanda os rumos disso a que temos convencionado chamar "civilização". Mas ele já dominou em outras épocas através de outras formas, agrupamentos ou expressões sociais dirigentes. Viveu na Antigüidade Oriental, como viveu na Roma dos Césares ou nos dias brilhantes da Renascença. Aos que o encarnaram referiu-se o Evangelho apelidando-os servidores de Mamom e o paganismo conheceu-os pelo nome de epicuristas.

É a preocupação exclusiva pelos bens materiais, que devendo constituir um "meio", pelo qual a criatura humana deve atingir os seus fins verdadeiros, tornam-se um "fim" em si

mesmos, com exclusão de toda finalidade superior. É a transmutação dos cinco sentidos, que são também "meios" de domínio e compreensão do mundo exterior, facultados ao ser humano, e instrumentos de comunicação e de experiência de que dispõe o homem para formar juízos exatos e determinar os limites e as formas de suas ações na vida social, em "fins" exclusivos de todas as manifestações e realizações do ser.

O espírito, pois, que domina o nosso tempo, e que temos nos habituado a designar pelo nome de "espírito burguês", pode ser definido como um processo psicológico mediante o qual os "meios" se transformam em "fins" e os "fins" se transformam em "meios".

Dele se origina todo o desentendimento entre os homens, todos os dramas de lágrimas, de sangue, de desesperos que assinalam as épocas tormentosas em que imperam o egoísmo feroz e a sede de prazeres.

* * *

Sentindo abalados os alicerces que servem de base à construção social em que vive, a burguesia se agita temerosa de perder os seus bens e declara guerra ao comunismo, que se levanta em todos os países, desfraldando a bandeira da luta de classes.

Para tomarmos posição em face dessa luta, hoje tão evidente no âmbito nacional e internacional dos povos, cumpre-nos apreciar, com serenidade e justiça, a índole dos dois contendores e tirar desse exame as conclusões sobre o verdadeiro mal que é hoje causa das desgraças humanas e dos conflitos cada vez mais agudos que arrastam as nações para o abismo de tenebrosa catástrofe.

É o comunismo o mal do nosso século?

Como adversário leal e franco da doutrina marxista, ousa dizer que o comunismo não é o mal do século, porque antes dele existe um outro mal de que ele se origina. Esse mal é o espírito burguês.

Se desejamos combater o comunismo, que se ergue contra a sociedade burguesa, a nossa primeira atitude será a de combate contra a concepção de vida da burguesia, a qual, por ser injusta e cruel, gera revoltas por ela mesma semeadas com os princípios materialistas, ostensivos ou latentes, dos usufrutuários dos bens terrenos em nosso tempo.

Essa vida de gozo, de ostentação, de comodismo, que é o espetáculo oferecido pelos ricos, pelos poderosos granfinos de uma sociedade corrupta, representa uma proclamação diária, em face dos pobres e dos humildes, afirmando que o único fim deste mundo reside na satisfação plena dos desejos da carne.

Tão eloqüente manifesto repercute pelos quadrantes do mundo e desperta nas massas o mesmo sentimento que se traduz nos mesmos conceitos de finalidade. Então, mais nobres e generosos do que aqueles que se servem da doutrina espiritualista como alicerce de uma construção materialista, surgem os líderes do comunismo dizendo: — Substituamos esse alicerce religioso por uma base anti-religiosa, porque assim haverá coerência e sinceridade, equilíbrio e justiça.

É a lógica da antiverdade, à qual não se pode negar o valor de um raciocínio perfeito. Não poderemos dizer o mesmo do sofisma que se lhe antepõe, porquanto mais digno é deduzir

o erro do erro do que deduzir da verdade o erro que, justamente pelo fato de surpreender as consciências iluminadas pelo sentido da justiça, provoca irritações e cóleras de quantos se sentem enganados.

O materialismo do nosso tempo não proveio das classes trabalhadoras, a sua origem é burguesa. Sustentado pelos filósofos e pelas mentalidades unilateralizadas sob o império do experimentalismo científico, o materialismo é doutrina que apareceu como justificativa da livre expansão do homem nos atos de conquista e de gozo dos bens terrenos. Pois esse gozo não poderia ultrapassar os limites impostos pela moral, se preliminarmente não tivesse sido banida das cogitações humanas a crença num Deus, assim como na liberdade, na responsabilidade e no fim último e supremo do homem.

Só há, por conseguinte, um meio de combater o comunismo: é combater o espírito burguês.

* * *

Adotemos essa denominação, já que a classe dominante de hoje é constituída pela burguesia. Mas não sejamos injustos até ao ponto de condenarmos os burgueses só pelo fato de possuírem bens, de serem ricos, de influírem na vida social e política do nosso tempo. Se assim fizéssemos, cairíamos no erro dos comunistas, os quais, adotando ostensivamente os princípios inconfessáveis da mentalidade burguesa, pretendem suprimir todos os valores espirituais de que ainda se valem os burgueses para manter suas posições. O que nós desejamos da burguesia é que tire conclusões lógicas dos princípios que diz defender.

Bem sabemos que nem todos os dirigentes da sociedade de hoje adotam a mesma doutrina no combate ao comunismo. Uns falam em liberdade do homem, em defesa da democracia, sob um ponto de vista agnóstico e prático, istoé, considerando o sistema democrático e o liberalismo econômico instrumentos mais propícios à expansão dos desejos individuais; e esses se confraternizam com aqueles que falam em nome do Espírito Imortal, em nome das religiões às quais repugna a mecanização da sociedade tal como a preconizam os marxistas. Tanto os primeiros como os segundos reciprocamente se sustentam; os primeiros, vendo, na doutrina dos segundos, elementos preciosos de ordem e conservação das estruturas por eles defendidas; os segundos, vendo, nas teorias dos primeiros, excelentes fatores aproveitáveis numa política de transigência e oportunismo. E ambos, os agnósticos e os religiosos, formam, paradoxalmente, os muros de sustentação de uma abóbada que constitui a conclusão político-social de um pragmatismo materialista. Os adoradores de Mamon incensam a Deus; os adoradores de Deus incensam a Mamon...

São as contradições do regime capitalista, dirá Marx. É a ausência de Cristo nas almas, diremos nós.

Falemos claramente. O espetáculo que nos oferecem os atuais inimigos do comunismo só produz um efeito em nossa consciência quando ela se levanta em clamor de justiça; esse efeito é o de simpatia pelos comunistas.

Falo com a insuspeição de um homem odiado pelos marxistas, muitas vezes por eles ofendido, injuriado, agredido e considerado como adversário que se deve combater por todos os modos. Falo ardendo nesta fé e amor à doutrina do Divino Mestre, em consequência da qual, com fidelidade e constância, venho servindo humildemente à

minha Pátria e ao meu Povo. Falo como um observador do que vejo e do que ouço dizer a respeito da degradação que atinge todo o organismo social da nossa terra, desde as repartições públicas, a indústria, o comércio, o ensino, os divertimentos, até ao recesso dos lares, onde se apagam, uma por uma, as chamas da fé cristã.

Que representa o comunismo? A destruição de tudo o que é espiritual, a imposição definitiva de um conceito de vida materialista, a expulsão de Deus das almas, a revogação de todas as regras morais eternas, que pelo seu valor essencial independem das transmutações dos processos de vida determinados pelo progresso técnico.

E, no entanto, que representam os comunistas, levados a tão negra e tão desesperançada convicção dos destinos humanos? Eles representam, inicialmente, uma atitude de revolta contra os que pregam o espiritualismo e vivem o materialismo; e, portanto, abstraindo o seu erro enorme e catastrófico, não podemos deixar de olhá-los como agentes misteriosos da lógica divina, apresentando-nos, por antecipações, o panorama das consequências fatais a que deverá chegar o epicurismo burguês.

Os comunistas agem sem cessar. A sua bandeira é negra, porque conduz o pensamento nirvânico que circunscreve a existência do homem aos limites curtíssimos do ciclo biológico. É negra, porque nos diz que tudo termina na terra, que urge aproveitarmos e gozarmos tudo o que a terra e a carne nos facultam, e que todo o nosso anseio de infinito é pura ilusão. É negra, porque se contrapõe como antítese à bandeira branca da Paz, proclamando a luta entre os homens, fazendo do ódio a sua arma implacável, da violência a sua técnica predileta, da mentira a sua estratégia eficiente.

Atrás dessa bandeira negra, marcham as multidões, em cujos olhares trágicos dir-se-iam refletidos os sinais patológicos denunciadores das agonias do espírito; mas nessas multidões há qualquer coisa de grave e de justo: talvez o impulso inicial que as arrancou da inércia em que jaziam, como um protesto cuja origem mais profunda encontra as suas raízes numa vaga noção das verdadeiras formas do equilíbrio social.

E, enquanto marcham esses seres humanos, que, à maneira dos descendentes dos imigrantes esquecidos do idioma dos seus antepassados, também esqueceram e perderam, nos escuros caminhos da alma, as divinas palavras da Graça, enquanto esses nossos irmãos caminham atrás da bandeira negra, que fazem os burgueses?

Os burgueses dançam nos salões brilhantes. Os burgueses exibem toaletes e jóias nos teatros e nas recepções. Os burgueses assistem a corridas de cavalos. Os burgueses jogam, divertem-se, bebem bebidas caras, sentam-se à mesa, deliciando-se com os refinamentos que Brillart-Savarin pôs nos cardápios segundo as normas estéticas deduzidas da fisiologia do paladar. Os burgueses entregam-se à luxúria: possuem várias concubinas além da esposa legítima; não se respeitam reciprocamente, quando tratam de conquistar recíprocas mulheres; e justificam toda a imoralidade dos costumes com os argumentos do progresso e as exigências da vida moderna. Os burgueses deixam-se absorver pelas duas paixões; a do lucro e a do gozo. Obedecendo cegamente aos ditames desses dois senhores que se reduzem a um só (a concupiscência) movem-se como bonecos humanos, nédios títeres de carne, de onde desertou a flamados ideais que engrandecem e purificam o homem.

* * *

Alguns se fazem filantropos. E desses poderemos dizer o que Jesus teria dito, segundo as revelações de Catarina de Emerich, aos ricos de Malep, na ilha de Chipre, censurando-lhes os hábitos de usura e de avareza, bem como "a falsidade de muitos que, praticando obras boas para serem vistos, continuam presos aos bens da terra e aos vícios da carne".

Porque na verdade não faltam, em nossos dias, aqueles que julgam resolver o problema social com obras de filantropia, mas ao mesmo tempo locupletam-se com lucros ilícitos, multiplicam os haveres mediante negociatas e explorações de toda espécie e irritam as multidões pela vida que levam, de requintado orgulho, impudente lascívia, aparatosa ostentação, indiferença pelas dores ou dificuldades do próximo, humilhação dos que deles dependem, ceticismo em face dos ideais superiores, desprezo total pela disciplina da própria alma e pelo culto das virtudes cristãs.

São estes e outros aspectos da vida social contemporânea que iremos desenvolver nos próximos capítulos. Tentaremos, através da exposição dos costumes e apreciação dos princípios dominantes na mentalidade do nosso tempo. E procuraremos, raciocinando com o próprio leitor, a solução dos problemas político-sociais que nos afligem, solução que se encontra (estou disso convencidíssimo) muito menos nas providências de ordem objetiva do que nas atitudes subjetivas de que aquelas imperiosamente dependem.

Se devemos assumir "uma atitude em face dos problemas" como queria Alberto Torres, e se nada poderemos tomar senão "a verdade como regra das ações", como demonstrou Farias Brito, procuremos as linhas dessa atitude e a luz dessa verdade na apreciação do meio social em que vivemos para que possamos, dele e de nós próprios, extirpar o agente mórbido que corrói toda a força do homem como toda a força nacional.

Nota:

[1] Extraído de: *Espírito da Burguesia*, 1951, in *Obras Completas*, São Paulo, 1954, Vol. 15, pág. 11).

Duplicidade e Transação

(1951)

Já temos dito muitas vezes e não nos cansaremos de repetir: a burguesia não é uma classe; é um estado de espírito. É o próprio espírito da avareza e da sensualidade, que se manifesta de formas tão variadas e por vezes tão sutis, que muitos casos há em que alguém, julgando estar combatendo o espírito burguês, não faz mais do que avolumá-lo na sua própria alma.

Numerosos são os que estudaram a burguesia sob o aspecto das condições econômicas e suas conseqüências políticas e sociais. Poucos os que penetraram nesse espírito que não é inerente, de modo exclusivo, à classe dominante em nossos dias, porém que se infiltra em todas as classes, sob os aspectos mais contraditórios, refletindo uma concepção de vida em completo desacordo com os fins sobrenaturais do homem.

O espírito da burguesia vive em todas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias.

A esse espírito chamamos hoje "burguesismo", pelo fato de ser a burguesia quem comanda os rumos disso a que temos convencionado chamar "civilização". Mas ele já dominou em outras épocas através de outras formas, agrupamentos ou expressões sociais dirigentes. Viveu na Antigüidade Oriental, como viveu na Roma dos Césares ou nos dias brilhantes da Renascença. Aos que o encarnaram referiu-se o Evangelho apelidando-os servidores de Mamom e o paganismo conheceu-os pelo nome de epicuristas.

É a preocupação exclusiva pelos bens materiais, que devendo constituir um "meio", pelo qual a criatura humana deve atingir os seus fins verdadeiros, tornam-se um "fim" em si mesmos, com exclusão de toda finalidade superior. É a transmutação dos cinco sentidos, que são também "meios" de domínio e compreensão do mundo exterior, facultados ao ser humano, e instrumentos de comunicação e de experiência de que dispõe o homem para formar juízos exatos e determinar os limites e as formas de suas ações na vida social, em "fins" exclusivos de todas as manifestações e realizações do ser.

O espírito, pois, que domina o nosso tempo, e que temos nos habituado a designar pelo nome de "espírito burguês", pode ser definido como um processo psicológico mediante o qual os "meios" se transformam em "fins" e os "fins" se transformam em "meios".

Dele se origina todo o desentendimento entre os homens, todos os dramas de lágrimas, de sangue, de desesperos que assinalam as épocas tormentosas em que imperam o egoísmo feroz e a sede de prazeres.

* * *

Sentindo abalados os alicerces que servem de base à construção social em que vive, a burguesia se agita temerosa de perder os seus bens e declara guerra ao comunismo, que se levanta em todos os países, desfraldando a bandeira da luta de classes.

Para tomarmos posição em face dessa luta, hoje tão evidente no âmbito nacional e internacional dos povos, cumpre-nos apreciar, com serenidade e justiça, a índole dos dois contendores e tirar desse exame as conclusões sobre o verdadeiro mal que é hoje causa das desgraças humanas e dos conflitos cada vez mais agudos que arrastam as nações para o abismo de tenebrosa catástrofe.

É o comunismo o mal do nosso século?

Como adversário leal e franco da doutrina marxista, ousa dizer que o comunismo não é o mal do século, porque antes dele existe um outro mal de que ele se origina. Esse mal é o espírito burguês.

Se desejamos combater o comunismo, que se ergue contra a sociedade burguesa, a nossa primeira atitude será a de combate contra a concepção de vida da burguesia, a qual, por ser injusta e cruel, gera revoltas por ela mesma semeadas com os princípios materialistas, ostensivos ou latentes, dos usufrutuários dos bens terrenos em nosso tempo.

Essa vida de gozo, de ostentação, de comodismo, que é o espetáculo oferecido pelos ricos, pelos poderosos granfinos de uma sociedade corrupta, representa uma proclamação diária, em face dos pobres e dos humildes, afirmando que o único fim deste mundo reside na satisfação plena dos desejos da carne.

Tão eloqüente manifesto repercute pelos quadrantes do mundo e desperta nas massas o mesmo sentimento que se traduz nos mesmos conceitos de finalidade. Então, mais nobres e generosos do que aqueles que se servem da doutrina espiritualista como alicerce de uma construção materialista, surgem os líderes do comunismo dizendo: — Substituamos esse alicerce religioso por uma base anti-religiosa, porque assim haverá coerência e sinceridade, equilíbrio e justiça.

É a lógica da antiverdade, à qual não se pode negar o valor de um raciocínio perfeito. Não poderemos dizer o mesmo do sofisma que se lhe antepõe, porquanto mais digno é deduzir o erro do erro do que deduzir da verdade o erro que, justamente pelo fato de surpreender as consciências iluminadas pelo sentido da justiça, provoca irritações e cóleras de quantos se sentem enganados.

O materialismo do nosso tempo não proveio das classes trabalhadoras, a sua origem é burguesa. Sustentado pelos filósofos e pelas mentalidades unilateralizadas sob o império do experimentalismo científico, o materialismo é doutrina que apareceu como justificativa da livre expansão do homem nos atos de conquista e de gozo dos bens terrenos. Pois esse gozo não poderia ultrapassar os limites impostos pela moral, se preliminarmente não tivesse sido banida das cogitações humanas a crença num Deus, assim como na liberdade, na responsabilidade e no fim último e supremo do homem.

Só há, por conseguinte, um meio de combater o comunismo: é combater o espírito burguês.

* * *

Adotemos essa denominação, já que a classe dominante de hoje é constituída pela burguesia. Mas não sejamos injustos até ao ponto de condenarmos os burgueses só pelo fato de possuírem bens, de serem ricos, de influírem na vida social e política do nosso tempo. Se assim fizéssemos, cairíamos no erro dos comunistas, os quais, adotando ostensivamente os princípios inconfessáveis da mentalidade burguesa, pretendem suprimir todos os valores espirituais de que ainda se valem os burgueses para manter suas posições. O que nós desejamos da burguesia é que tire conclusões lógicas dos princípios que diz defender.

Bem sabemos que nem todos os dirigentes da sociedade de hoje adotam a mesma doutrina no combate ao comunismo. Uns falam em liberdade do homem, em defesa da democracia, sob um ponto de vista agnóstico e prático, isto é, considerando o sistema democrático e o liberalismo econômico instrumentos mais propícios à expansão dos desejos individuais; e esses se confraternizam com aqueles que falam em nome do Espírito Imortal, em nome das religiões às quais repugna a mecanização da sociedade tal como a preconizam os marxistas. Tanto os primeiros como os segundos reciprocamente se sustentam; os primeiros, vendo, na doutrina dos segundos, elementos preciosos de ordem e conservação das estruturas por eles defendidas; os segundos, vendo, nas teorias dos primeiros, excelentes fatores aproveitáveis numa política de transigência e oportunismo. E ambos, os agnósticos e os religiosos, formam, paradoxalmente, os muros de sustentação de

uma abóbada que constitui a conclusão político-social de um pragmatismo materialista. Os adoradores de Mamon incensam a Deus; os adoradores de Deus incensam a Mamon...

São as contradições do regime capitalista, dirá Marx. É a ausência de Cristo nas almas, diremos nós.

Falemos claramente. O espetáculo que nos oferecem os atuais inimigos do comunismo só produz um efeito em nossa consciência quando ela se levanta em clamor de justiça; esse efeito é o de simpatia pelos comunistas.

Falo com a insuspeição de um homem odiado pelos marxistas, muitas vezes por eles ofendido, injuriado, agredido e considerado como adversário que se deve combater por todos os modos. Falo ardendo nesta fé e amor à doutrina do Divino Mestre, em consequência da qual, com fidelidade e constância, venho servindo humildemente à minha Pátria e ao meu Povo. Falo como um observador do que vejo e do que ouço dizer a respeito da degradação que atinge todo o organismo social da nossa terra, desde as repartições públicas, a indústria, o comércio, o ensino, os divertimentos, até ao recesso dos lares, onde se apagam, uma por uma, as chamas da fé cristã.

Que representa o comunismo? A destruição de tudo o que é espiritual, a imposição definitiva de um conceito de vida materialista, a expulsão de Deus das almas, a revogação de todas as regras morais eternas, que pelo seu valor essencial independem das transmutações dos processos de vida determinados pelo progresso técnico.

E, no entanto, que representam os comunistas, levados a tão negra e tão desesperançada convicção dos destinos humanos? Eles representam, inicialmente, uma atitude de revolta contra os que pregam o espiritualismo e vivem o materialismo; e, portanto, abstraindo o seu erro enorme e catastrófico, não podemos deixar de olhá-los como agentes misteriosos da lógica divina, apresentando-nos, por antecipações, o panorama das consequências fatais a que deverá chegar o epicurismo burguês.

Os comunistas agem sem cessar. A sua bandeira é negra, porque conduz o pensamento nirvânico que circunscreve a existência do homem aos limites curtíssimos do ciclo biológico. É negra, porque nos diz que tudo termina na terra, que urge aproveitarmos e gozarmos tudo o que a terra e a carne nos facultam, e que todo o nosso anseio de infinito é pura ilusão. É negra, porque se contrapõe como antítese à bandeira branca da Paz, proclamando a luta entre os homens, fazendo do ódio a sua arma implacável, da violência a sua técnica predileta, da mentira a sua estratégia eficiente.

Atrás dessa bandeira negra, marcham as multidões, em cujos olhares trágicos dir-se-iam refletidos os sinais patológicos denunciadores das agonias do espírito; mas nessas multidões há qualquer coisa de grave e de justo: talvez o impulso inicial que as arrancou da inércia em que jaziam, como um protesto cuja origem mais profunda encontra as suas raízes numa vaga noção das verdadeiras formas do equilíbrio social.

E, enquanto marcham esses seres humanos, que, à maneira dos descendentes dos imigrantes esquecidos do idioma dos seus antepassados, também esqueceram e perderam, nos escuros caminhos da alma, as divinas palavras da Graça, enquanto esses nossos irmãos caminham atrás da bandeira negra, que fazem os burgueses?

Os burgueses dançam nos salões brilhantes. Os burgueses exibem toaletes e jóias nos teatros e nas recepções. Os burgueses assistem a corridas de cavalos. Os burgueses jogam, divertem-se, bebem bebidas caras, sentam-se à mesa, deliciando-se com os refinamentos que Brillart-Savarin pôs nos cardápios segundo as normas estéticas deduzidas da fisiologia do paladar. Os burgueses entregam-se à luxúria: possuem várias concubinas além da esposa legítima; não se respeitam reciprocamente, quando tratam de conquistar recíprocas mulheres; e justificam toda a imoralidade dos costumes com os argumentos do progresso e as exigências da vida moderna. Os burgueses deixam-se absorver pelas duas paixões; a do lucro e a do gozo. Obedecendo cegamente aos ditames desses dois senhores que se reduzem a um só (a concupiscência) movem-se como bonecos humanos, nédios títeres de carne, de onde desertou a flamados ideais que engrandecem e purificam o homem.

* * *

Alguns se fazem filantropos. E desses poderemos dizer o que Jesus teria dito, segundo as revelações de Catarina de Emerich, aos ricos de Malep, na ilha de Chipre, censurando-lhes os hábitos de usura e de avareza, bem como "a falsidade de muitos que, praticando obras boas para serem vistos, continuam presos aos bens da terra e aos vícios da carne".

Porque na verdade não faltam, em nossos dias, aqueles que julgam resolver o problema social com obras de filantropia, mas ao mesmo tempo locupletam-se com lucros ilícitos, multiplicam os haveres mediante negociatas e explorações de toda espécie e irritam as multidões pela vida que levam, de requintado orgulho, impudente lascívia, aparatosa ostentação, indiferença pelas dores ou dificuldades do próximo, humilhação dos que deles dependem, ceticismo em face dos ideais superiores, desprezo total pela disciplina da própria alma e pelo culto das virtudes cristãs.

São estes e outros aspectos da vida social contemporânea que iremos desenvolver nos próximos capítulos. Tentaremos, através da exposição dos costumes e apreciação dos princípios dominantes na mentalidade do nosso tempo. E procuraremos, raciocinando com o próprio leitor, a solução dos problemas político-sociais que nos afligem, solução que se encontra (estou disso convencidíssimo) muito menos nas providências de ordem objetiva do que nas atitudes subjetivas de que aquelas imperiosamente dependem.

Se devemos assumir "uma atitude em face dos problemas" como queria Alberto Torres, e se nada poderemos tomar senão "a verdade como regra das ações", como demonstrou Farias Brito, procuremos as linhas dessa atitude e a luz dessa verdade na apreciação do meio social em que vivemos para que possamos, dele e de nós próprios, extirpar o agente mórbido que corrói toda a força do homem como toda a força nacional.

Nota:

[1] Extraído de: *Espírito da Burguesia*, 1951, in *Obras Completas*, São Paulo, 1954, Vol. 15, pág. 11).

As duas faces de Satanás

(1935)

O comunismo não é uma causa: é um sintoma. O mal não é o comunismo em si, porém as causas que geram o comunismo.

O comunismo, por conseguinte, não se esmaga com violências, com opressões, com fuzilamentos; acaba-se com a extinção das fontes de onde provém.

É preciso encararmos o comunismo sob os dois aspectos pelos quais ele se apresenta: o intelectual e o moral.

Sob o aspecto intelectual, só pode ser combatido eficientemente pela crítica, pelas idéias, no livro, na tribuna, na imprensa. Sob o aspecto moral, só pode ser combatido pelas medidas que melhorem as condições de existência do povo e pelos exemplos de virtude dos dirigentes da sociedade.

* * *

Onde estão as fontes do comunismo?

No materialismo burguês.

Com que autoridade moral um materialista pode declarar-se inimigo do comunismo? A sua atitude reacionária só consegue irritar os humildes, os pobres. O seu ódio anima o ódio dos contaminados pelo bolchevismo. Os seus impulsos violentos não fazem mais do que acender as cóleras da multidão.

É muito comum hoje em dia ouvir-se o burguês dizer: "Qual nada! O que o Governo devia fazer era acabar a ferro e fogo esses comunistas!"

Olha-se para o burguês. Está bem vestido, com o charuto na boca. Acaba de sair do Clube onde levou duas horas a almoçar numa roda de elegantes. Daqui a pouco vai ter um encontro com uma mulher que não é a sua. Esta manhã esteve na praia, seminu, dando pasto aos olhos nas arredondadas formas das frinéias familiares que, por sua vez, não perdem a missa, mas acham natural o nudismo. O burguês tem uma renda farta. Vive à tripa forra. Sabe casos de adultérios e distrai-se também no esporte dos galanteios reles. E tem muita raiva aos comunistas. "Oh! — exclama horrorizado — "o governo devia fuzilar essa caterva!"

O nosso homem vota profundo desprezo pelos humildes. Essa gente, para ele, não passa de animais que cheiram a cebola e a suor. Grita com os inferiores, maltrata os que estão por baixo da sua imensa categoria. Detesta o convívio dos homenzinhos, da gatinha, dos estudantes pobres, dos caixeiros, dos suados operários e camponeses, do soldado que, afinal, mantém a ordem em que o burguês floresce. E se alguém diz à sua adiposa personalidade que há rumores de descontentamento na massa, retruca logo o esplêndido gozador: "É meter cavalaria e bastonadas!"

* * *

Não. O comunismo não se combate assim. O burguês está enganado. O comunismo é apenas um sintoma das conseqüências desse materialismo grosseiro de que o burguês é a fonte principal.

O operário não quer mais acreditar em Deus? Mas quem foi que ensinou o operário a negar a Deus? Foi o burguês, que acha a religião muito boa apenas para os velhos, os proletários, as mulheres e as crianças.

O nédio usufrutuário da ordem é ateu, não respeita a sacralidade da família nem liga importância à idéia da Pátria. Leva uma vida de macaco, só pensando em prazeres. As suas preocupações dominantes são o alfaiate, a garçonnière, o clube, o pano verde, a esperteza nos negócios, as paixões criminosas.

Convém, para ele, que o operário seja religioso, porque assim não o incomoda com rebeliões e desesperos. Convém que a esposa também o seja, porque assim se conforma com as suas atitudes de galo velho ou leão da avenida. Convém que as crianças também o sejam, para não darem trabalho com desobediências.

É assim o burguês. Para ele, a Pátria não são os milhões de compatriotas solidários na comunidade das tradições e aspirações nacionais, porém os soldados que lhe vigiam a casa, os agentes de segurança e investigadores que lhe fazem o sono tranquilo na doçura dos lençóis de cambráia. Ele não serve a Pátria, é a Pátria quem o serve. A Nação é um guarda-noturno que lhe lambe as gorjetas pela via dos impostos para as festas embandeiradas, com hinos e salvas de peça. Não a defende, pois. Deixa essa incumbência ao Exército, à Polícia, ao Governo. "Para isso pago os impostos", diz — e não dá um passo.

No íntimo, o burguês materialista está convencido de que o Governo e as Forças Armadas existem para que ele, em plena segurança, possa conquistar e desonrar a filha do operário; possa mudar de mulher como quem muda de camisa; possa refestelar-se no seu pijama de seda; possa atropelar com o seu automóvel o mísero velhinho ou a inocente criança que tiveram a petulância de atravessar em frente da sua máquina possante e reluzente. Mas, se abre a boca para expender idéias, esse miserável tipo do século XX propõe o combate ao comunismo.

Como se engana! Para combater o comunismo impõe-se combater, em primeiro lugar, o materialismo, o ateísmo, o sensualismo, a grosseria dos sentimentos, a expansão desenfreada dos instintos.

* * *

Pois se o operário olha para o burguês e vê que ele, em todas as suas atitudes, proclama que a vida do homem acaba neste mundo; e se o burguês — para o operário — é o homem que sabe, que leu, que estudou; e se é com ele que o operário aprende, — é lógico que o operário fique sendo materialista, e deseje também ser um bruto, um gozador, e como não tem recursos adere a uma doutrina que lhe diz: "O céu e o inferno são aqui mesmo, tratemos pois de gozar a vida!"

A filha do operário, que se prostitui levada no carro elegante do burguezote, foi seduzida primeiro pelo luxo da burguezinha e pela opulência da burguezona. Os homens brutais,

que premeditam o assalto às famílias para saciar a sua lascívia, não fazem mais do que imitar de modo violento o rico homem que assaltou habilidosamente a casa do pobre, roubando-lhe a mulher ou desencaminhando-lhe a filha.

É que o proletário é uma obra do burguês. O pobre faz-se à imagem e semelhança do rico. Depois, a criatura revolta-se contra o seu próprio criador; nada mais lógico, porque o burguês também se revoltou contra Deus.

O burguês é violento? O operário também o será. O burguês é lascivo? O operário copiar-lhe-á a vida. O burguês é comodista, indiferente à Pátria? O operário também afirmará que a Pátria é o estômago.

O burguês é cosmopolita? O operário é internacionalista. No fundo são a mesma coisa.

Se o comunista prega o amor livre, o burguês, de há muito, vive em poligamia. Se o comunismo prega a destruição das religiões, o burguês, de há muito, caça de tudo o que é religião.

O comunismo quer matar, trucidar? Mas o burguês também exige fuzilamentos e ceva-se no ódio político.

As massas desordenadas não têm pena das famílias dos burgueses? E os burgueses terão pena das famílias dos operários?

É preciso dizer, tanto ao rico como ao pobre, esta palavra dura, que irrita e queima, que desvende porém os segredos das desgraças atuais em todo o Orbe terrestre:

— Homens, abrandai vosso coração de pedra, aplacai os vossos instintos, erguei vosso pensamento para Deus, porque estais loucos!

* * *

Satanás afivela sempre duas máscaras: a máscara da dor e a máscara do prazer.

Quando o homem sofre, Satanás é a revolta, o desespero; quando o homem goza, Satanás é a voluptuosidade, a luxúria.

Satanás veste os andrajos da miséria para sacudir os punhos fechados na saudação bolchevista.

Porém Satanás veste seda e enfeita-se de jóias para sorrir com indiferença e desprezo sobre o sofrimento dos humildes.

Satanás é o comunista que assassina e massacra. E Satanás é também o homem rico e feliz que nada faz para evitar a morte de multidões de pobres, mal alimentados e desamparados de qualquer conforto físico ou espiritual.

Satanás é a revolta das hetairas nos prostíbulos. E é também a alegria triunfante dos flirts adulterinos nas rodas da elegância.

E se lestes ou ouvistes estas minhas palavras, o vosso crime é dobrado, pois não podereis alegar ao supremo Julgador das vossas ações que não apareceu alguém que vos lançasse, por vos amar, e muito, estas verdades ao vosso rosto.

Satanás apoderou-se de vós, burgueses, como se apoderou de muitos proletários. Entrou nas oficinas, nas fábricas, nos campos, nas casas humildes dos bairros tristes, levantando o pendão do ódio; mas antes disso já havia entrado e brilhado nos vossos salões, semeando frases elegantes e costumes fáceis.

Urge que vos transformeis, homens do meu tempo, ricos e pobres.

Nota:

[1] Extraído de: *Madrugada do Espírito*, Obras Completas Vol. 7, pág. 421).

Lucas Mendes (org.)

Fonte: <http://www.integralismo.org.br/?cont=915&vis=#.XIe6fiJKjIX>